



RIVAIS

PROMETIDOS



ALEXANDRA CRUZ



Para as leitoras que queriam
um novo *book boyfriend*:
não precisam de esperar mais

Agradecimentos

Existem tantas pessoas a quem quero agradecer pela ajuda que me deram no processo de escrita deste livro! É difícil escrever o que realmente sinto, e essas mesmas pessoas sabem como lhes estou grata na vida real.

Não há uma ordem correta, porque todos os nomes que serão lidos aqui têm a mesma ordem de importância. Contudo, penso que a primeira pessoa a quem devo mesmo agradecer é a mim, por nunca ter desistido. Vontade não me faltou, e tive de me perguntar vezes e vezes sem conta o porquê de ter começado. Sempre achei que nunca me iriam dar uma oportunidade, mas a Euforia veio mudar esse pensamento.

A todas as pessoas que estiveram envolvidas neste processo, seja por ideias, opiniões, revisões, agradeço por todas as palavras e ajudas. Foram um incentivo na concretização deste livro!

À Iara, à Sandra, à Beatriz, à Andreia, à Clara, à Filipa e a tantas outras pessoas que atravessaram o meu percurso literário, o meu muito obrigada. Foram as primeiras a verem o nascer deste livro, desde o primeiro dia que o adoraram, e acredito que estar com ele nas mãos também é uma vitória para elas!

À Mariana, por estar lá desde o dia um e ter ajudado em todos os passos importantes do manuscrito. Quem diria que, ao fim de anos de invenções de histórias e mundos, estaria a publicar o meu segundo livro, inspirado nessas mesmas ideias. Obrigada por estares sempre lá e por me

ajudares com os nomes, títulos e afins! Sem a tua mente brilhante, era impossível! Ah! ah! ah!

Aos meus amigos e familiares, agradeço por todo o apoio, saídas, festas, jantares e dias na piscina. Foram os melhores momentos de relaxe e o que me ajudou a esquecer, por instantes, a escrita.

Aos autores portugueses que me têm acompanhado desde o *Sou Tua*, agradeço do fundo do coração as palavras de carinho e o apoio que me têm dado. Não podia estar mais feliz e realizada ao saber que gostam daquilo que escrevo.

Às minhas personagens do *Rivals Prometidos*, porque coloquei, pela primeira vez, um pouco da minha experiência pessoal neste livro. Como a Emília, também sofri *bullying* e, durante o processo de escrita, lembrei-me de todas as vezes que me fizeram sentir inferior. Se passaste pelo mesmo, quero dizer-te que tudo passa, mesmo que te digam o contrário.

E a ti, leitor, espero que gostes deste livro e que te faça acreditar que todos merecemos o melhor.



Playlist RIVAIS PROMETIDOS



Billie Eilish - «Happier Than Ever»

Lana Del Rey - «Blue Jeans»

Leona Lewis - «Run»

Zayn - «Pillowtalk»

Lana Del Rey - «Happiness Is a Butterfly»

Maninho (feat. Marisa Liz) - «Garota»

Diogo Piçarra, Bispo - «Monarquia»

Lady Gaga, Bruno Mars - «Die With a Smile»

Lana Del Rey - «Say Yes to Heaven»

Taylor Swift - «Wildest Dreams»

Taylor Swift - «Lover»

Prólogo

– Emília, a esquisitinha! Emília, a idiota!

A Estefânia Henriques estava novamente a empurrar-me no recreio. Já era a segunda vez no mesmo dia, mas eu tentava ignorá-la. Ela era a rapariga mais popular do colégio e ninguém tinha o direito de a chatear. Todos sabíamos que adorava vingar-se. Ignorava-a sempre que passava por mim, ou pelo menos tentava, mas como olhei para ela... foi o suficiente para me empurrar para o chão.

O resto do grupinho estava à nossa roda a rir-se e a apontar-me o dedo, repetindo que era feia e esquisita. Juro que queria gritar com todos, especialmente com a Estefânia, mas a minha voz não passava da garganta. Quem me dera que um autocarro a levasse à frente! Ela podia partir uma perna e um braço e ter de andar de cadeira de rodas, como o Enzo, o rapaz com quem ela também gozava. Isso de certeza que a iria calar.

– Responde, esquisita! Pareces uma mosca-morta! – gritou-me ao ouvido, forçando-me a fechar os olhos.

Levantei-me do chão, mas a Estefânia encurralou-me contra a árvore do jardim e fez-me aquilo que eu mais odiava: tirou a chicla da boca e colou-a no meu cabelo. Quase que podia jurar que conseguia ouvir a voz da minha mãe a gritar comigo como se eu tivesse culpa do que acontecera.

– *Fanny*, outra vez a gozar com a esquisitinha? – O Lourenço apareceu do nada, agarrando-a pelo pulso e afastando-a de mim. Fitou-me de cima a baixo e o seu olhar transparecia tristeza e desprezo. Desviei a cara e todos continuaram a rir.

Tentei tirar a chicla do cabelo e eles intensificaram o riso. Todos os dias gozavam comigo, e era raro alguém ajudar-me. Os funcionários e professores ralhavam com eles, mas, assim que viravam as costas, a Estefânia e o seu grupo voltavam a atormentar-me. Sabia que o que eles me faziam era *bullying*, mas, por mais que pedisse, nunca paravam.

Só queria que a escola acabasse para poder finalmente afastar-me daquela gente toda e nunca mais ter de os ver.

Capítulo 1



EMÍLIA

Agosto (vinte anos depois)

Tinha prometido a mim mesma que ia rapidamente à papelaria no Via Catarina para comprar o material de desenho e pintura de que precisava, mas perdi imenso tempo à conversa com uma doadora da minha associação. Já conseguia ouvir a voz da Olívia na minha cabeça, a perguntar o porquê de ter demorado tanto e de não ter avisado que ia chegar tarde. Teria de a recompensar de alguma forma.

Eu era a responsável da associação Amigos Unidos, destinada a apoiar crianças e jovens que, tal como eu, tinham sido ou eram vítimas de *bullying*. Com a ajuda do meu pai, criara a associação havia cinco anos e, até então, tinha crescido bastante. Além disso, adorava as atividades que fazíamos, desde passeios pelos museus e zoológicos, piqueniques e idas ao cinema. Também tínhamos as famosas aulas de arte, em que todos eram livres de se expressar como queriam.

O mais importante no nosso trabalho era fazê-los sentir que esta associação era o porto seguro deles.

Ia acompanhada pelo Óscar, o motorista dos meus pais, que me levava sempre que precisava da sua ajuda. Não gostava de o massacar com as horas infinitas nas compras, contudo, precisava de ajuda para carregar o material de desenho e outras encomendas que ainda estavam pendentes.

– Desculpa a demora, Óscar. Espero que nenhum polícia te tenha chateado por estares parado – disse, olhando de esguelha para o sinal que proibia a paragem a não ser que fosse para cargas e descargas.

Depois de deixar o material na bagageira, sentei-me no banco de trás e enviei uma mensagem à Olívia, a dizer que estava prestes a chegar à associação. Era mentira, tendo em conta que, com o trânsito, demoraria meia hora a percorrer um quilómetro.

– Não se preocupe, menina, que ninguém me importunou. Não demorou muito. – Sorriu pelo espelho retrovisor, e eu retribuí. O Óscar era sarcástico, mas educado, e eu adorava os nossos momentos.

Rapidamente se fez à estrada, e comecei a responder a alguns *e-mails* em atraso. A associação não tinha nenhum fim lucrativo, contudo, isso não significava que não desse trabalho. Contava com o apoio de vários voluntários e de uma amiga de longa data da minha mãe.

Os vários donativos e eventos para angariar fundos ajudavam a manter a instituição. No entanto, o maior doador era o meu pai. Era diretor-geral dos hotéis de luxo mais conhecidos de Portugal, o que lhe permitia viver uma vida «confortável».

Os hotéis Garcia e Melo estavam presentes em alguns distritos do país e eram considerados dos melhores de Portugal. Tínhamos centenas de hóspedes por mês, incluindo *influencers* e outros famosos. Um dos privilégios de ser filha de Francisco Melo era poder ter acesso gratuito ao *spa* de qualquer hotel. Claro que as minhas melhores amigas, a Alice e a Olívia, adoravam acompanhar-me nessas visitas.

Senti o carro a travar e levantei a cabeça para ver se tínhamos chegado, mas só estávamos parados num semáforo vermelho. Olhei pela janela e observei como as ruas do Porto vestiam cores alegres e vivas, mostrando que o verão não iria embora tão cedo.

A rua de Santa Catarina estava cheia de turistas, que tiravam fotos à famosa capela das Almas e ouviam alguns dos artistas que por lá tocavam. Passar nesta rua preenchia o meu coração de uma maneira inexplicável.

O toque do meu telemóvel fez-me despertar dos pensamentos e sorri quando vi quem estava a ligar.

– Olá, mamã.

Do outro lado da linha, conseguia ouvir uma música calma, o que me dava a entender que estava no *spa* de um dos nossos hotéis.

– Olá, querida. Onde estás? – perguntou com uma voz cordial.

A minha mãe, Aurora, fora criada pelos meus avós como uma rainha, com acesso aos melhores colégios, aos melhores cuidadores e a viver numa bolha de luxo. Os pais dela foram os donos originais da cadeia de hotéis, naquele momento gerida pelo meu pai e pelo meu tio Miguel Garcia. Apesar de ser sócia minoritária, a minha mãe não estava a par dos negócios e deixava todas as decisões para eles.

– Estou a ir para a associação – respondi, removendo um cabelo que me caiu na saia branca.

Adorava vestir-me bem, e a minha mãe sempre fez questão de que eu e os meus irmãos andássemos impecáveis. Nisso tínhamos gostos e personalidade bastante parecidos.

– Porque não pedes ao Óscar que te traga cá? Vou ter uma sessão com a Pipa depois do *spa* e podíamos ir juntas.

Os pedidos da minha mãe, por norma, eram ordens, mas não me estava nada a apetecer ir a uma clínica injetar porcaria dentro de mim. Além disso, tinha coisas combinadas.

– Mãe, por favor, não insistas nessa conversa. Sabes bem o que penso do *botox*.

Coloquei uma vez nos lábios e jurei que nunca mais. Além de ser doloroso, fiquei com a cara tão inchada que parecia um balão. O João, o meu namorado, gozou comigo durante uma semana.

Revirei os olhos e fiz aquilo que fazia sempre que não gostava da conversa:

– Mãe, estou... a... ouvir mal...

Fingi que estava sem rede e desliguei a chamada, atirando o telemóvel para dentro da minha mala. Conhecendo-a como a conheço, sabia que não voltaria a ligar-me.

Olhei em volta, respirei fundo, e a minha atenção mudou quando vi uma mulher loira a contornar a esquina num passo apressado.

O meu coração bateu mais depressa e virei a cara ao ver que se tratava da Estefânia Henriques. Pedi aos céus para que ela não reparasse em mim, visto que estávamos muito perto, separadas apenas por uma janela. Respirei fundo quando as minhas preces foram ouvidas, porque ela continuou o seu caminho enquanto falava rudemente ao telemóvel.

Apesar de não ouvir o que ela estava a dizer, conseguia ver as suas expressões faciais. Ela sempre foi assim: mesquinha, má, rude, e achava-se importante ao ponto de ter humilhado tudo e todos no colégio. Atrás dela, seguiam dois homens enormes que carregavam as suas vastas compras.

Quando a Estefânia ficou fora de alcance, o meu coração pareceu falhar algumas batidas e o meu cérebro trabalhava a dobrar. Inspirei fundo, retive o ar durante uns segundos e fui expelindo-o calmamente. Repeti-o algumas vezes até conseguir acalmar-me. A técnica da doutora Beatriz resultava sempre, e daquela vez não foi exceção.

De vez em quando, espreitava por cima do ombro com medo de que ela voltasse para trás e me reconhecesse. Todos os meus sentidos estavam em alerta e a situação estava a deixar-me paranoica.

Pelo canto do olho, o Óscar observava-me através do retrovisor, e eu disfarcei, voltando a minha atenção para o telemóvel. Ele aumentou o som do rádio, e a música da Taylor Swift soava pelas colunas. Sorri ligeiramente, porque ele conseguia perceber quando eu estava triste ou desconfortável e tentava sempre alegrar-me.

– A minha filha adora esta música.

Mentira. A sua filha, a Patrícia, detestava a Taylor Swift. Ela dissera-mo uma vez e fiquei chocada, porque quem é a pessoa que não gosta da Taylor?!

Quando parámos o carro em frente à associação, pude respirar de alívio. Adorava passar dias inteiros a ajudar os miúdos, mas, devido ao meu estatuto, muitas vezes tinha de estar fora para poder angariar todos os fundos possíveis para manter aquela casa como um porto de abrigo.

Dirigi-me à bagageira para carregar alguns sacos e o Óscar já se encontrava com alguns na mão.

– Obrigada, Óscar.

Inclinou a cabeça e os seus lábios rasgaram num sorriso terno.

Quando entrei no espaço, carregado de desenhos e frases inspiradoras feitos pelos miúdos, a minha boca abriu-se num sorriso e o meu coração acelerou.

Entrar naquele espaço era como se entrasse num mundo de fantasia. Queria que todas as crianças e jovens se sentissem bem e que pudessem